

Coluna do Castello

Distância entre Sarney e Tancredo

NÃO é difícil vislumbrar uma resistência conservadora cada vez mais nítida ao Governo do Presidente José Sarney. A quem conhece o Presidente desde os primórdios da sua carreira política não escapa que, apesar de contradições mais aparentes do que reais, ele se situou sempre em posições política e socialmente à esquerda do que seria a definição íntima de Tancredo Neves, um político conservador envolvido, ao longo da sua vida, por chamamentos que o puseram na conciliação entre as duas grandes vertentes do pensamento político e o ajudaram a construir uma imagem que terminaria grata aos sentimentos do povo brasileiro.

Pouco importa que a dinâmica do processo político tenha situado o Sr Sarney ao lado do sistema militar. Suas origens na UDN fizeram dele um virtual dissidente do pensamento conservador, sendo ele um dos iniciadores da *bossa nova*, que marcaria uma posição à esquerda da adotada pela cúpula do seu partido. Sempre ocupando cargos pelo voto direto, entre eles o de governador do Maranhão e senador por duas vezes, deu sentido popular à sua liderança regional. Nisso ele se parece com Petrônio Portella, que emergiu na UDN vindo das lutas estudantis de esquerda e autor de uma mensagem de solidariedade ao deposto Governador Miguel Arraes, em 1964. Ambos permaneceram, apesar do papel que desempenharam, fiéis à vocação cedo manifestada.

O ministério que acompanha o Presidente foi, como se sabe, elaborado por Tancredo Neves e ele é marcadamente de centro conservador, com uns três ou quatro esquerdistas moderados como os Srs Waldir Pires, João Sayad, Fernando Lyra e Nelson Ribeiro, esse último vinculado à esquerda clerical. A tônica da equipe deveria ser dada, se Tancredo sobrevivesse, pelos ministros Francisco Dornelles, Aureliano Chaves, Roberto Gusmão, Antônio Carlos Magalhães, Ronaldo Costa Couto, Aluizio Alves, Olavo Setúbal e outros que jamais poderiam ser arrolados à esquerda do espectro político.

No entanto, os problemas emergentes no atual Governo relacionam-se com a resistência do Presidente em apoiar políticas conservadoras, como a do Ministério da Fazenda, e com o estímulo a compromissos reformistas, como o da reforma agrária, o da reforma da legislação social em consonância com o estilo do Ministro Pazzianotto de encaminhar negociações nos conflitos entre empregados e patrões, o reatamento com Cuba e a modificação do estilo de negociações com o FMI, segundo a retórica de Tancredo Neves mas não segundo o seu projeto de, primeiro, endurecer internamente para depois propor alterações dos termos de pagamento da dívida externa.

A recente articulação do Governador Franco Montoro, que resultou numa convocação de todos os governadores para uma reunião na Granja do Torto, filiada ao esquema da negociação do pacto nacional, tem como premissa o apoio dos governadores de todos os Estados, logo de todos os partidos, a uma nova postura de negociação da dívida externa e a proposta de agilizar os projetos de descentralização dos recursos para fortalecer a atuação dos governos estaduais. É possível que a inspiração inicial do Governador Montoro tenha sido a premência de São Paulo em obter recursos para algumas obras ameaçadas de paralisação, o que lhe seria danoso sobretudo nesse ano eleitoral. Isso interessa a todos os governadores.

Não é de estranhar assim que a grande imprensa do país, vanguarda do pensamento dos grupos dominantes na sociedade brasileira, esteja mobilizada para enquadrar o Presidente da República numa orientação liberal não só política como econômica. Os editoriais desses jornais refletem o pensamento dos setores acima aludidos e são o prenúncio de que uma mobilização política efetiva tentará deter inclinações à esquerda. Em São Paulo o êxito da candidatura do ex-Presidente Jânio Quadros está na combinação da popularidade do candidato com o estímulo que lhe vem sendo dado pelos grandes grupos liberais e conservadores do Estado, temerosos dos compromissos socializantes do Senador Fernando Henrique Cardoso, o qual, aliado ao Senador Roberto Saturnino, que disputa a prefeitura do Rio, seria a vanguarda de uma viragem concreta na política nacional.

O reformismo do Sr Sarney e a longa elaboração de um pacto que substitua o apoio dos partidos em desagregação pela adesão de setores sociais qualificados encontram agora o respaldo do Governador de São Paulo a que se juntarão os demais com tendências ideológicas diversas. O pacto terá sentido político, se for concluído satisfatoriamente, mas seu pressuposto é um apoio nacional a uma definição de políticas que vão da reforma agrária à renegociação da dívida externa em termos que se supõe de difícil assimilação pelo FMI. O Ministro Dornelles está perdendo as batalhas, uma a uma, a do congelamento dos índices de revisão do Imposto de Renda retido na fonte, a dos cortes nas estatais e a resistência à revisão de tarifas além das taxas de inflação.

O Sr Francisco Dornelles está solto no Governo como um elo perdido na cadeia que levou de Tancredo a Sarney e o ministério compõe-se em torno do Governo, independentemente das pressões dos respectivos partidos, que já não são comandados no Congresso senão pelos interesses grupais ou a fisiologia de alguns representantes. O Governo Sarney ainda não definiu com precisão sua face real, mas evidentemente nada tem a ver mais com o que seria o Governo Tancredo Neves.

Carlos Castello Branco